



A Santa Sé

DIA MUNDIAL DOS POBRES

SANTA MISSA

HOMILIA DO PAPA FRANCISCO

Basílica Vaticana

XXXIII Domingo do Tempo Comum, 17 de novembro de 2019

[Multimídia]

Hoje, no Evangelho, Jesus deixa os seus contemporâneos, e nós também, surpreendidos; precisamente no momento em que alguém elogiava a magnificência do templo de Jerusalém, diz Ele que não ficará «pedra sobre pedra» (Lc 21, 6). Por que profere tais palavras sobre instituição tão sagrada, que não era apenas um edifício, mas um sinal religioso único, uma casa para Deus e para o povo crente? Por que profetiza que este ponto firme, nas certezas do povo de Deus, cairia? Por que deixa o Senhor que, no fim, se desmoronem as certezas, enquanto o mundo está cada vez mais carecido delas?

Procuremos respostas nas palavras de Jesus. Hoje diz-nos Ele que *quase* tudo passará: quase tudo, mas não *tudo*. Neste penúltimo domingo do Tempo Comum, explica que, a desmoronar-se, a passar são *as coisas penúltimas*, não as últimas: o templo, não Deus; os reinos e as vicissitudes da humanidade, não o homem. Passam as coisas penúltimas, que muitas vezes parecem definitivas, mas não são. São realidades grandiosas, como os nossos templos, e pavorosas, como terremotos, sinais no céu e guerras na terra (cf. 21, 10-11): a nossos olhos parecem acontecimentos de primeira página, mas o Senhor coloca-os na segunda página. Na primeira, resta o que não passará jamais: o Deus vivo, infinitamente maior do que qualquer templo que Lhe construamos, e o homem, o nosso próximo, que vale mais do que dizem todas as crónicas do mundo. Então, para nos ajudar a compreender aquilo que conta na vida, Jesus

acautela-nos de duas tentações.

A primeira é a tentação da pressa, do *imediatamente*. Para Jesus, não é preciso ir atrás daqueles que dizem que o fim chega imediatamente, que «o tempo está próximo» (21, 8). Por outras palavras, não se devem seguir aqueles que difundem alarmismos e alimentam o medo do outro e do futuro, porque o medo paralisa o coração e a mente. E, no entanto, quantas vezes nos deixamos seduzir pela pressa de querer saber *tudo e imediatamente*, pelo prurido da curiosidade, pela última notícia clamorosa ou escandalosa, pelas crónicas morbosas, pela gritaria daqueles que berram mais alto e mais enraivecidos, por quem diz «agora ou nunca mais». Mas esta pressa, este *tudo e imediatamente* não vem de Deus. Se nos afadigarmos pelo *imediatamente*, esqueceremos o que permanece para *sempre*: seguimos as nuvens que passam, e perdemos de vista o céu. Atraídos pelo último alarido, deixamos de encontrar tempo para Deus e para o irmão que vive ao nosso lado. Como tudo isto é verdade hoje! Com a mania de correr, de dominar tudo e imediatamente, incomoda-nos quem fica para trás; e consideramo-lo descartável. Quantos idosos, nascituros, pessoas com deficiência, pobres... considerados inúteis! Vamos com pressa, sem nos preocuparmos que aumentem os desníveis, que a ganância de poucos aumente a pobreza de muitos.

Como antídoto à pressa, Jesus propõe-nos hoje a cada um a *perseverança*: «pela vossa constância é que sereis salvos» (21, 19). A perseverança é avançar dia a dia com os olhos fixos naquilo que não passa: o Senhor e o próximo. Por isso mesmo, a perseverança é o dom de Deus com que se conservam todos os outros dons d'Ele (cf. Santo Agostinho, *De dono perseverantiae*, 2, 4). Para cada um de nós e para nós como Igreja, peçamos a graça de perseverar no bem, de não perder de vista aquilo que conta.

Há um segundo engano de que nos quer desviar Jesus, quando afirma: «Muitos virão em meu nome, dizendo "sou eu". (...) Não os sigais» (21, 8). É a *tentação do eu*. Ora o cristão, dado que não procura o *imediatamente* mas o *sempre*, não é um discípulo do *eu*, mas do *tu*. Isto é, não segue as sereias dos seus caprichos, mas a solicitação do amor, a voz de Jesus. E como se distingue a voz de Jesus? «Muitos virão em meu nome»: diz o Senhor. Mas não devemos segui-los. Não é suficiente ter o rótulo de «cristão» ou de «católico» para ser de Jesus. É preciso falar a mesma linguagem de Jesus: a linguagem do amor, a *linguagem do tu*. Não fala a linguagem de Jesus quem diz *eu*, mas quem sai do próprio eu. Todavia quantas vezes, mesmo ao fazer o bem, reina a *hipocrisia do eu*: faço o bem, mas para ser considerado virtuoso; dou, mas para receber em troca; ajudo, mas para ganhar a amizade daquela pessoa importante. Isto é falar a *linguagem do eu*. Ao contrário, a Palavra de Deus incita-nos a um amor não hipócrita (cf. *Rm 12, 9*), a dar àqueles que não têm nada para restituir (cf. *Lc 14, 14*), a servir sem procurar recompensas nem retribuições (cf. *Lc 6, 35*). Então ponhamo-nos a questão: Eu ajudo alguém, de quem nada poderei receber? Eu, cristão, tenho ao menos um pobre por amigo?

Os pobres são preciosos aos olhos de Deus, porque não falam a linguagem do eu: não se

aguentam sozinhos, com as próprias forças, precisam de quem os tome pela mão. Lembrem-nos que o Evangelho se vive assim, como mendigos voltados para Deus. A presença dos pobres levam-nos de volta à aragem do Evangelho, onde são bem-aventurados os pobres em espírito (cf. *Mt 5, 3*). Então, em vez de sentir aborrecimento, quando os ouvimos bater à nossa portas, podemos receber o seu grito de ajuda como uma chamada para sair do nosso eu, aceitá-los com o mesmo olhar de amor que Deus tem por eles. Como seria bom se os pobres ocupassem no nosso coração o lugar que têm no coração de Deus! Quando estamos com os pobres, quando servimos os pobres, aprendemos os gostos de Jesus, compreendemos o que permanece e o que passa.

E assim voltamos às perguntas iniciais. No meio de tantas coisas penúltimas, que passam, o Senhor quer lembrar-nos hoje a coisa última, que permanecerá para sempre: o amor, porque «Deus é amor» (*1 Jo 4, 8*), e o pobre que pede o meu amor leva-me diretamente a Ele. Os pobres facilitam-nos o acesso ao Céu: é por isso que o sentido da fé do povo de Deus os viu como *os porteiros do Céu*. Já desde agora, são o nosso tesouro, o tesouro da Igreja. Com efeito, desvendam-nos a riqueza que jamais envelhece, a riqueza que une terra e Céu e para a qual verdadeiramente vale a pena viver: o amor.